

Parece até sina que persegue os gênios da literatura universal. Como os altos cumes das montanhas que nuvens densas e insondáveis ocultam, cercam-lhe as origens mistérios impenetráveis, criam-se mitos e lendas em torno de sua vida e chega-se mesmo a negar-lhes a existência. Foi assim com Homero, cujo lugar de nascimento uma dezena de cidades do mundo grego antigo reivindicava para si. Quanto à sua própria existência discordam os eruditos: uns, dizendo que ele não existiu e que os poemas *A Ilíada* e *a Odisseia* são obra de compilação de vários poetas; outros, defendendo a unicidade de autoria, afirmam que houve realmente um genial poeta desse nome. Se o poeta viveu de veras, isto ocorreu há milhares de anos. Gozamos da beleza de seus poemas sem indagar-lhes a paternidade.

Mais perto de nós e com mais possibilidades de documentação esclarecedora, temos o caso de Shakespeare. Há quem lhe negue a existência e, se a aceita, não admite que seja ele o autor de tantas obras primas, atribuindo-as a Francis Bacon, o filósofo, ou aos letrados Conde de Rutland e Conde de Derby. E o problema Shakespeare continua, ao que parece, insolúvel, o que não impede que nos maravilhe-mos com *Romeu e Julieta*, *Macbeth*, *Rei Lear*, *Hamlet*; *Júlio Cesar* e *Cleópatra*, *Sonho de Uma Noite de Verão*, *A Tempestade*.

Luís de Camões, o grande épico e o grande lírico português, não escapou a tal sina. Numerosos são os críticos e eruditos que sobre ele e sua obra escreveram livros, artigos, conferências. A sua bibliografia atinge milhares de títulos. No entanto, as controvérsias continuam, os partidários desta ou daquela solução mantêm-se intransigentes nas suas posições, e quando um pobre mortal, como é o meu caso, tenta abrir caminho na selva selvaggia de tão desencontradas soluções, pode-se imaginar a que tratos submete a cachimônia para transmitir a seus ouvintes o quadro dos amores do grande lírico português. Perde-se-me, pois, se acabar emaranhando-me neste cipocal camoniano, uma vez que não sou erudito, mas simples apreciador das obras primas que o gênio de Luís Vaz de Camões nos legou.

---

\* Professor Titular de Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica de Minas Gerais.

Começam as controvérsias, como no caso de Homero, a respeito do lugar onde nasceu o poeta: Lisboa ou Coimbra? Uma vez que é parca a documentação existente sobre a vida do vate, correm os eruditos e críticos a valer-se dos seus versos, interpretando-os cada qual de acordo com a tese que defendem. Os que encontram nos seus versos referências às águas do Mondego logo afirmam que ele era coimbrão, mas se ele evoca as margens do Tejo e invoca as ninfas tágides, os lisboetas aclamam o conterrâneo genial. E a solução conciliatória tem sido: nasceu em Lisboa e estudou em Coimbra, depois veio de Coimbra para Lisboa.

Mas onde estudou ele? Com os padres crúzios e seu tio D. Bento? Na Universidade de Coimbra é que não, porquanto não existe documentação nenhuma de haver frequentado suas aulas ou lá se formado. Mas onde adquiriu o cabedal de conhecimentos da mais variada natureza que encontramos em *Os Lusíadas*? Puro autodidatismo, nos lazeres de uma vida intensa de poeta paixão, de rixoso participante de mal-tas de arruaceiros nas betesgas da Lisboa ainda medieval e nos bordéis da Alfama e Mouraria, na vida de soldado, nas suas viagens, nos seus exílios no Ribatejo, em Ceuta, em Macau, nas Molucas, em Goa, em Moçambique? Outro problema camoniano sem solução.

Houve um momento, quando vivia em Lisboa, vindo de Coimbra, em que, tendo-se tornado inconveniente nas suas frequentações do Paço, foi exilado para o Ribatejo, região onde viviam parentes seus. Mas em qual cidade ou aldeia dessa região, havendo mesmo quem negue tal exílio ali? Pela descrição que faz em seus versos, a propósito dum exílio, cada estudioso da questão apresenta um local diferente. Mais um enigma a decifrar.

As coisas apresentam, porém, um aspecto caótico, quando se trata de descobrir qual a musa ou as musas inspiradoras desse poeta que tanto falou do amor. Aqui é que a sarabanda das hipóteses, dos nomes sugeridos, assume proporções incomuns. Como se supõe que todo poeta amoroso deve ter muitos amores, procurou-se dar nomes às possíveis inspiradoras, decifrando até mesmo os nomes anagramáticos, artilfício muito comum entre os poetas da época. E descobre-se que Natércia é anagrama de Caterina, que Nise é Inês, que Belisa vira Isabel.

A propósito deste último nome é ele, segundo alguns, o do primeiro amor do poeta, embora queiram outros que o primeiro amor de Camões tenha sido a sua ama de leite: "Foi minha ama uma fera

que o destino/não quis que mulher fosse a que tivesse/tal nome para mim; nem a haveria".

Mas, o mais recente biógrafo de Camões, José Hermano Saraiva, no seu livro "Vida Ignorada de Camões", dá à palavra outra acepção: a de feminino de "amo", senhor, patrão, meu amo, minha ama, pois as sim chamava ao fidalgo em cuja casa servia, como costumavam fazer os jovens que iniciavam sua carreira na escalada para os altos títulos de fidalguia. Baseado nesta interpretação, irá Hermano Saraiva desenvolver sua tese sobre o primeiro e grande amor do poeta, como veremos adiante. Crê-se que a "mênina dos olhos verdes", que aparece em tantas redondilhas do poeta, seja uma sua prima Isabel Tavares, com quem ele rompe ao vir viver em Lisboa. Diz o grande camonista José Maria Rodrigues que, quando exilado em Ceuta, onde em guerra perdeu o olho direito, pôde regressar a Lisboa, pensou em reconciliar-se com a prima, mas esta não o quis mais, pois estava noiva de outro. Para evitar que o nome Belisa pudesse denunciar o nome Isabel, passou a usar em suas poesias o nome Natércia, o que iria provocar novo problema em torno de seus amores, criando a mais pertinaz das hipóteses a respeito dos mesmos. Diz José Maria Rodrigues que, quando Camões ia partir para a Índia, Isabel, casada, e que talvez se encontrasse em Lisboa ou viera especialmente de Coimbra para isso, compareceu-lhe à partida, vertendo sentidas lágrimas, na relembração dos antigos amores.

O aparecimento do nome Natércia nos seus poemas dá origem ao mito de Catarina de Ataíde, aceite como real pela maioria talvez de seus biógrafos, constando até de enciclopédias no verbete referente ao poeta. Faria e Sousa, um dos mais antigos e mais fervorosos camonistas, foi quem deu nome a este amor. Era uma dama do Paço, Catarina de Ataíde, por causa de quem foi o poeta desterrado de Ceuta. Este desterro foi um castigo por ter o poeta erguido suas vistas para muito alto, boato que foi encampado pelo seu primeiro biógrafo, Mariz, por Diogo de Paiva Andrade, nas suas "Lembranças", e pelo chântre da Sé de Évora, Manuel Severim de Faria, mas não revelaram o nome da dama. Seria Faria e Sousa que iria fazê-lo, dizendo que se tratava de uma das três Catarina de Ataíde existentes em Portugal na época. E aqui surge outro problema: qual das três?

D. Catarina de Ataíde de Sousa, filha de Álvaro de Sousa, que sempre negou ter sido namorada do poeta, quando seu confessor, Frei João do Rosário, lhe fez tal pergunta? A segunda é D. Catarina de Ataíde de Lima, filha de D. Antônio de Lima. Faria e Sousa e o alemão Storck, um dos mais entusiastas camonistas no estrangeiro, afir

mam que foi esta o grande amor do poeta e por sua causa afastado do Paço da Ribeira e exilado no Ribatejo. A terceira era D. Catarina de Ataíde da Gama, filha do Almirante da Índia, D. Francisco da Gama, neta de Vasco da Gama, o herói da conquista da Índia, parenta longe de Camões. Teófilo Braga, outro camonista famoso, acha que é esta a verdadeira musa inspiradora do poeta. Mas numa de suas redondilhas aparece uma Caterina (será uma delas?), a quem ele se dirige nos seguintes termos: "Caterina bem promete/Eramã! como ela mente!/Caterina é mais formosa/Para mim que a luz do dia;/Mas mais formosa seria,/Se não fosse mentirosa./Hoje a vejo piedosa;/Amanhã tão diferente,/Que sempre cuido que mente./Mã, mentirosa, malvada./Dizei: para que mentis?/Prometeis e não cumpris?/Pois sem cumprir, tudo é nada,/Não sois bem aconselhada;/Que quem promete, se mente,/ O que perde não no sente./Jurou-me aquela cadela/De vir, pela alma que tinha./Enganou-me..."

Não de convir que chamar de cadela sua musa inspiradora, é imperdoável, mesmo para um poeta de gênio. Esta Catarina deve ser uma outra: a quarta. Diante da dificuldade de identificar com certeza qual a Catarina de Ataíde, inspiradora e grande amor, pois era muita Catarina para um homem só, José Maria Rodrigues cria o mito da Infanta. Pesquisador sério e fervoroso admirador de Camões, achou que havia descoberto o grande amor do poeta, por causa do qual lhe advieram todos os precalços e sofrimentos de sua vida. Quem era afinal essa Infanta? Era D. Maria, filha mais nova do rei D. Manuel, o Venturoso, e irmã do rei D. João III.

Os seus contemporâneos e até o cronista galante Brantôme falavam de sua beleza, confirmada nos retratos que dela existem. E não era somente bela, mas culta. O Conde de Sabugosa, que a inclui entre as "Donas de Tempos Idos", dá-lhe estudando latim, grego, gramática e filosofia, aprendendo a escrever com boa caligrafia ou dedicando no psaltério músicas sacras e profanas. Mantinha no Paço de Santa Clara uma espécie de Academia Literária, em que se tocava, dançava-se, poetas recitavam seus versos. O irmão sempre cuidou de arranjar casamento para ela com reis, príncipes, fidalgos da mais alta hierarquia. Mas oito casamentos não passaram de fracassadas tentativas e ela morreu solteira. Relata José Maria Rodrigues que Camões nunca a nomeia nos seus versos, embora haja referências aos seus olhos azuis em contraste com os olhos verdes de Isabel.

O mito da Infanta todo se baseia nos versos do poeta, achando José Maria Rodrigues que a Infanta está retratada no soneto: "Le-

da serenidade deleitosa, /Que representa em terra um paraíso; /Entre u-  
bis e perlas, doce riso; /Debaixo de ouro e neve, cor-de-rosa; /Presen-  
ça moderada e graciosa, /Onde ensinando estão despejo e siso /Que se po-  
de por arte e por aviso, /Como por natureza ser formosa; /Fala de quem  
a morte e a vida pende, /Rara, suave, enfim, Senhora, vossa; / Repouso,  
nela, alegre e comedido; /Estas as armas são com que me rende /E me ca-  
tiva amor; não que possa /Despojar-me da glória de rendidos". E na Can-  
ção 7, quando descreve: "Pintara os olhos belos, /Que trazem nas meni-  
nas /O Menino que os seus neles cegou; /E os dourados cabelos /Em tran-  
ças de ouro finas, /A quem o Sol seus raios abaixou; /A testa que orde-  
nou /Natura tão formosa; /O bem proporcionado /Nariz, lindo, afilado, /Que  
a cada parte tem a fresca rosa; /A boca graciosa, /Que querê-la louvar  
é escusado. /Enfim, é um tesouro: /Pérolas, dentes; e palavras, ouro".

E quando o poeta fala em ter posto alto demais seu pensamento. Os sonetos em que conta que avistou pela primeira vez a Infanta numa Sexta-Feira Santa, imitação, sem dúvida, dos versos em que Petrarca narrou seu encontro com Laura, foram atribuídos a seu encontro com D. Catarina de Ataíde, numa sexta-feira na igreja das Chagas, de Lisboa, pelo memorialista, Diogo Paiva de Andrade, no dia 19 ou 20 de abril de 1542, quando Camões, com 18 anos, se apaixona por ela. A fraude é fla-  
grante, pois dita igreja só se abriu em 1544.

Em Lisboa, vindo de Coimbra, Camões está entre os poetas que frequentam o Paço de Santa Clara. Sua paixão pela Infanta vai crescen-  
do, continua José Maria Rodrigues, e externando-se nos versos que pro-  
duz, nos quais se acentua a exacerbação de Camões por não conseguir  
que a Infanta por ele se interesse, até que um dia, recitando uns ver-  
sos, viu-a chorar e logo imaginou que ela correspondia às suas vela-  
das confissões de amor. E passa a mostrar-se mais ousado nos seus ver-  
sos. Mas a Infanta não se mostra sensível a isso, o que desespera o  
poeta, achando que ela amava outro homem. Mostra-se tão insistente e  
inconveniente que sua entrada no Paço de Santa Clara é proibida. E de-  
pois exilaram-no para o Ribatejo.

Aparecendo mais tarde em Lisboa, desgostou seus próprios prote-  
tores e amigos, aborrecidos com suas inconveniências que continuavam.  
Tratou-se então de exilá-lo para mais longe: Ceuta, na África, onde  
prestou serviço militar. Ali suas queixas e lamentações aumentam de  
tom. Mas como tais queixas e a renúncia que anuncia não produziram o  
efeito desejado de seu regresso a Lisboa, resigna-se a tudo, como con-  
fessa no seu poema "Os desencontros do mundo". Afinal, de volta a Lis-  
boa, passa a levar uma vida desregrada, frequentando as "damas de alu-  
guer", as "ninfas de água doce", em suas "torres" e "acolheitas", como

ele próprio conta em casta a um amigo. Em consequência das arruaças em que se metia, veio a ferir na nuca um tal Gonçalo Borges, funcionario do Paço, o que lhe acarretou prisão no Tronco de Lisboa, onde foi torturado. Essa tortura trouxe-lhe depois defeito no andar. E ele, a quem certa dama chamou de "cara-sem-olhos", passou de manco de olho, a manco da perna. Tendo sido perdoado pelo próprio Gonçalo Borges, que se curou do ferimento, impetrou perdão ao rei, o qual lhe foi concedido, tendo contudo como punição o ir servir na Índia, se é que não pediu que o deixassem ir para lá, como acham alguns.

Um episódio palaciano ocorrido naqueles tempos com um fidalgo Jorge da Silva, que se apaixonara pela Infanta D. Maria, caso se melhante ao seu, a crer no mito da Infanta, deu ocasião, ao que parece, às suas voltas à velha canção "Perdigão perdeu a pena/Não há mal que lhe não venha./Perdigão que o pensamento/Subiu em alto lugar,/Perde a pena de voar./Ganhá a pena de tormento./Não tem no ar nem no vento/Asas com que se sustenha:/Não há mal que lhe não venha./Quis voar a uma alta torre,/Mas achou-se desasado;/E, vendo-se depenado,/De puro penado morre./Se a queixumes se socorre,/Lança no fogo mais lenha;/Não há mal que lhe não venha".

Parte para a Índia e, se em sua pátria, os acontecimentos de sua vida são tão controvertidos, no Oriente as coisas tornaram-se piores. Negam-lhe bioógrafos sua estada em Macau, cargos que haja ocupado, prisão que haja sofrido. Mas cria-se o mito de Dinamene, que passa a ocupar no coração do poeta no lugar da Infanta. O nosso Afrânio Peixoto, camonista brasileiro, reúne 44 sonetos de Camões e publica um livrinho para provar o mito. Chega a traduzir para o chinês o nome Dinamene (diga-se, de passagem, já fora utilizado por Homero e Hesíodo) que seria Ti-Nan-Men, que significaria Porta da Terra do Sul, transformado pelo poeta em Dinamene.

Essa estória da moça chinesa, por quem Camões se apaixonara, foi reforçada, quando se descobriu cópia de uma Década de Diogo do Couto, em que esse amigo de Camões refere-se ao famoso naufrágio do poeta em mares da China, naufrágio do qual conseguira salvar os manuscritos de "Os Lusíadas", mas vira morrer afogada "uma moça china que trazia muito formosa, com que vinha embarcado e muito obrigado, e em terra fez sonetos à sua morte em que entrou aquele que diz "Alma minha".

Os amores atribuídos a Camões assemelham-se pelo colorido a uma porta de tinturaria. Há louras, há morenas, uma amarela, Dinamene, a chinesa, uma escrava hindu, de cor puxando a preto, e olhos azuis, verdes, negros, castanhos.

Mas tal cópia da *Década* veio a ser julgada apócrifa, depois que foi publicada em 1917. Há outros sonetos em que se fala de moça afogada. Atentando-se bem nos dois primeiros versos do admirável so neto: "Alma minha gentil que te partiste/tão cedo desta vida descontente", pode-se deduzir que quem parte descontente da vida está-se suicidando e não morrendo afogada contra a sua vontade. O crítico português Alfredo Pimenta desmontou a engenhoca de Afrânio Peixoto e o mito de Dinamene foi juntar-se aos demais da vida de Camões.

E entra em cena a estória da escrava hindu, a tal Bárbara, em cuja existência muitos não acreditam e só se deduz, pois não há documentação a respeito, das endechas em que o próprio Camões a ela se refere, ao dedicar-lhe: "Endechas a uma cativa com quem andava de amores na Índia, chamada Bárbara", que dizem assim: "Aquele cativa / Que me tem cativo, / Porque nela vivo, / Já não quer que viva. / Eu nunca vi rosa, / Em suaves molhos, / Que para meus olhos / Fosse mais formosa. / Nem no campo flores, / Nem no céu estrelas / Me parecem belas / Como os meus amores. / Rosto singular, / Olhos sossegados, / Pretos e cansados, / Mas não de matar. / Uma graça viva, / Que neles lhe mora, / Para ser se - nhora / De quem é cativa. / Pretos os cabelos, / Onde o povo vão / Perde opinião / De que os louros são belos. / Pretidão de Amor, / Tão doce a fi gura, / Que a neve lhe jura / Que trocara a cor. / Leda mansidão, / Que o siso acompanha; / Bem parece estranha, / Mas bárbara não. / Presença sere na / Que a tormenta amansa, / Nela, enfim, descansa / Toda a minha pena. / Esta é a cativa / Que me tem cativo; / E pois nela vivo, / É força que vi va". E nada mais se sabe.

A partir daí parece encerrar-se o ciclo amoroso do poeta. Po de ser que, quando na ilha de Moçambique, tenha andado, em pretidão de amor, com algumas daquelas bonitas e airosas pretas moçambicanas. Quando de minha estada na ilha, em 1972, perlustrei, em enlevada evocação, aquelas praias por onde ele andou a completar seu poema épico, saudoso do seu Tejo e de sua Lisboa, enlevo de que me despertou uma hedionda estátua do poeta, em atitude declamatória, planta da à orla do mar. Também, de evocação, surgiu-me a imagem do nosso Tomás Antônio Gonzaga, quando andei pelas salas do edifício da Al - fândega onde ele exercera funções -

De volta a Lisboa, pobre, doente, desiludido, não se lhe co nhecem, nem atribuem novos amores, a não ser aquela formosa e culta D. Francisca de Aragão, dama do Paço, preferida dentre as mais pela rainha D. Catarina (mais outra Catarina na vida de Camões) para a qual compusera três versões de glosas para o mesmo mote por ela

proposto. Parece que os ligara uma espécie de amitié amoureuse, que Camões quis transformar em amor, mas sem êxito, pois D. Francisca ca sa-se com D. João de Borja.

Seu interesse agora é publicar o seu poema épico, em que exal ta o seu Portugal e as gestas heróicas de sua gente. Dez anos depois, desfazendo-se hoje o mito de que morrera em extrema miséria, uma vez que recebia uma tença que dava para sua manutenção, sem necessidade de que um escravo jau saísse a pedir esmola para ele, morria Camões, no mesmo ano em que Portugal perdia sua soberania para a Espanha.

Mas não ficaram nisso as certezas e incertezas da vida de Camões. Uma reviravolta vem de ocorrer no que diz respeito ao grande amor do poeta. Outra personagem aparece, para a qual o escritor português José Hermano Saraiva, reivindica a primazia, no seu citado livro "Vida Ignorada de Camões", publicado em 1978. O objeto de sua ardente paixão foi sua ama, isto é, D. Violante, esposa de D. Francisco de Noronha, em cuja casa ele servia.

Valendo-se do mesmo recurso dos demais exegetas da obra camoniana que, à falta de documentos sobre a vida do poeta, utilizaram se dos seus versos para reconstruir-lhe a vida e a história dos amores, Saraiva, que se entregou a grandes pesquisas sobre os contemporâneos de Camões para, de suas informações, deduzir novos esclarecimentos, procura destruir todos os mitos que se criaram em torno da vida amorosa do poeta.

Lembra que, apesar de encontrar-se o nome Violante em alguns de seus versos e de ter o dramaturgo espanhol Lope de Vega, contemporâneo de Camões, feito citação expressa de Violante, quando um personagem de sua peça *La Dorotea* diz, ao referir-se aos famosos pares amorosos: "A Diana de Montemaior foi uma dama natural de Valência... a Filida de Montalvo, a Galatea de Cervantes, a Camila de Garcilaso, a Violante de Camões, a Sílvia de Bernaldes, a Filis de Figuerosa e a Leonor de Gorte Real...", os camonistas desdenharam essa pista tão clara e jamais se referiram a D. Violante de Andrade. Pertencia essa senhora à poderosa família dos Andrades e casara-se com D. Francisco da não menos poderosa família dos Noronhas. Camões é tomado a servir na casa solarenga e chegou mesmo a ser preceptor de um dos filhos de D. Francisco, D. Antônio de Noronha, que morreu ainda jovem na Índia e a quem dedica sentidos versos pela sua morte.

A beleza de sua ama (não de leite, mas senhora, pois a ela servia, em seu poema fale em ter bebido o veneno amoroso e ter sido criado aos peitos da esperança) conquista o coração do jovem poe-

ta e quando D. Francisco de Noronha vai viver em Paris, como embaixador de Portugal, tornaram-se amantes ama e criado, que assim se denominava quem servia em casa nobre. Joana, filha de Violante, crescia em beleza e suavidade, parecendo-se neste aspecto com sua mãe. Camões apaixonou-se por aquela adolescente que se assemelhava tanto à mãe, como confessa em mais de um passo de seus versos, quando diz que se enamora de uma mulher que era "a imagem e semelhança da outra, e especialmente no soneto em que trocadilha com as palavras violeta e Violante;"A violeta mais bela que amanhece/no vale, por esmalte da verdura,/ com seu pálido lustre e formosura,/por mais bela, Violante, te obedece./ Perguntas-me por quê?Porque aparece/em ti seu nome e sua cor mais pura: e estudar em teu rosto só procura/tudo quanto em beldade mais floresce./Oh luminosa flor, oh Sol mais claro,/único roubador do meu sentido,/não permitas que Amor me seja avaro!/Oh penetrante seta de Cupido,/ que queres? que te peça, por reparo,/ser, neste vale, Enéias desta Dido?"

Neste soneto nota-se que ele elogia a violeta, mas que esta serve de esmalte à beleza da verdura(D.Violante, já com filhos, não era nenhum brotinho.)A filha é a luminosa flor, mas a mãe é o sol mais claro; uma, beleza em botão, a outra beldade adulta. Quem não esteve com essa duplicidade amorosa foi a mãe. Passou a perseguir o poeta e é ela que ele inculpa de todos os seus males futuros.

A documentação de versos que Hermano Saraiva reúne em apoio de sua tese é impressionante e, até prova em contrário, parece solucionar o problema. O próprio mito de Dinamene, a chinesinha, naufragada, pois Joana, tendo de viajar para a Índia, morre num naufrágio.Dinamene é Joana, essa mesma Joana que aparece nos seus versos como Aônia, anagrama de seu nome.

Encerrando-se este capítulo dos amores com a redução a dois apenas os vários que lhe foram atribuídos, vejamos que espécie ou espécies de amor andou cantando este que é um dos maiores poetas líricos do mundo. O amor meramente sensual, vivido na Rua da Mancebia ou no Mal Cozido e outros becos da Alfama, ou um amor sublimado, de alta espiritualidade, o chamado amor platônico?

O professor Costa Pimpão, no seu livro "Escritos Diversos", pergunta se Camões teria lido Platão. Saberia ele grego para ler no original o divino filósofo?Tendo vivido no período da Renascença portuguesa, quando a difusão dos autores gregos era grande, mesmo não sabendo grego, poderia tê-lo lido em tradução latina. E ainda, se não o tivesse feito, a doutrina amorosa platoniana tê-la-ia aprendido com o grande platonizante Petrarca, cuja influência sobre Camões

é patente e insofismável.

As idéias sobre o amor que Sócrates e outros reunidos por Platão em *O Banquete* expõem, pela sua sutileza não podiam deixar de influenciar aqueles autores que na Renascença se destacaram pelas agudezas de engenho, metaforismo e simbolismo. Por isso assiste razão ao professor Hernani Cidade quando diz, em seu livro *Luiz de Camões*, que "boa parte do lirismo camoniano é constituída por poesia amorosa do mais alto e fino platonismo". Eu diria que a maior parte. Há poucos poemas em que os contactos directos entre amantes sejam descritos. O que neles predomina é a queixa, o sofrimento, a saudade causados pela ausência da pessoa amada, por isso o professor Jacinto do Prado Coelho diz bem quando afirma que Camões lírico "é um poeta da ausência física" e também do desengano. Em regra geral a Eleita do Poeta fica na Jerusalém Terrestre, imensamente longe, inacessível e o neoplatonismo explica o que há de puro, de imaterial, de angélico na Amada camoniana. A mulher se apresenta para ele não como objeto de lascívia, mas como deslumbrante força espiritual. Veja-se este retrato espiritualizado da mulher: "Um mover d'olhos, brando e piedoso, / Sem ver de quê; um riso brando e honesto, / Quase forçado; um doce e humilde gesto, / um desejo quieto e vergonhoso; / Um repouso gravíssimo e modesto; / Uma pura bondade, manifesto / Indício da alma, limpo e gracioso; / Um encolhido ousar; uma brandura; / Um medo sem ter culpa; um ar sereno; / Um longo e obediente sofrimento; / Esta foi a celeste formosura / Da minha Circe, e o mágico veneno / Que pôde transformar meu pensamento".

Nada de carnal, portanto. Tudo se sintetiza no soneto de espírito platónico em que fala da unidade dos que se amam, quando corpo e alma se fundem num só ser: "Transforma-se o amor na coisa amada, / Por virtude do muito imaginar; / Não tenho logo mais que desejar, / Pois em mim tenho a parte desejada, / Se nela está minh'alma transformada, / Que mais deseja o corpo de alcançar? / Em si somente pode descansar, / Pois contigo tal alma está liada. / Mas esta linda e pura semidéia, / Que como o acidente em seu sujeito, / Assim com a alma minha se conforma, / Está no pensamento como idéia; / E ó vivo e puro amor de que sou feito, / Como a matéria simples busca a forma".

A natureza do amor por vezes se lhe esconde à inteligência. E ele dirá: "Amor um mal que mata e não se vê; / Que dias há que na alma me tem posto / Um não sei quê, que nasce não sei onde, / Vem não sei como, e dói não sei porquê."

Mesmo assim não se priva de, com grande sutileza, descre -

ver o que é a paixão amorosa, no seu célebre soneto: "Amor é fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer; / É um não querer mais que bem querer; / É solitário andar por entre a gente; / É nunca contentar-se de contente; / É cuidar que se ganha em se perder; / É servir a quem vence, o vencedor; / É ter com quem nos mata lealdade. / Mas como causar pode seu favor / Nos corações humanos amizade, / Se tão contrário a si é o mesmo amor?", em que as antíteses procuram explicar as condições de que é rico o Amor. A ausência, porém, do ser amado, arranca da alma do poeta as mais dolorosas e sentidas queixas que culminam nos versos de "Vinde cá, meu tão certo secretário".

\*\*\*\*\*

Genial Camões! Cantou, como poucos líricos no mundo, as sutilezas amorosas, sem ter do amor auferido todas as venturas que ele promete a seus adoradoras, mas soube como ninguém fixar em versos imortais a gesta maravilhosa das grandes viagens de sua gente, nessa língua que tem o balouço das ondas dos mares nunca dantes navegados, o rugir das tempestades e a carícia envolvente das falas apaixonadas dos namorados, bem como a melancolia da saudade.

#### BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Capistrano de e outros - Arquivo camoniano da Academia Brasileira de Letras - Rio de Janeiro - Academia Brasileira de Letras - 1944.
- ALMEIDA, Fernando Mendes de - *Sonetos de Camões* - São Paulo - Edição Saraiva - 1955.
- ANSELMO, Artur e outros - *Camões e Eça de Queirós* - Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte - Editora Vigília - 1978.
- BRAGÁ, Teófilo - *Camões* - A obra lírica e épica - Porto - Lello e Irmão - 1911.
- CARDIM, Luís - *Projeção de Camões nas letras inglesas* - Lisboa - Editorial "Inquêrito" - 1940.
- CIDADE, Hernani - *Luís de Camões, o lírico* - 2a. edição - Lisboa - Livraria Bertrand - 1952.
- CIDADE, Hernani - *Luís de Camões - Poesia lírica* - Editorial Verbo - 1970.

- CIDADE, Hernani - *Luís de Camões* - 2a. edição - Lisboa - Editora Arcádia - 1971.
- CIDADE, Hernani - *Luís de Camões - A vida e a obra lírica* - Lisboa - Edições "Ocidente" - 1943.
- COELHO, Jacinto do Prado - *Problemática da História Literária* - 2a. edição - Lisboa - Edições Ática - 1961.
- COELHO, Jacinto do Prado - *A letra e o leitor* - Póvoa de Varzim-Portugália Editora - 1969.
- MATOS, Antônio de Oliveira - *Vida de Luís de Camões* - Lisboa - Empresa Nacional de Publicidade - 1943.
- MOISÉS, Massaud - *Luís de Camões - Lírica* - São Paulo - Editora Cultrix - 1963.
- NABUCO, Joaquim - *Discursos e conferências nos Estados Unidos* - Rio de Janeiro - Editor Benjamin Aguila - s/d.
- PEIXOTO, Afrânio - *Pepitas* - São Paulo - Companhia Editora Nacional - 1942.
- PIMPÃO, Álvaro J. da Costa - *Luís de Camões - Rimas* - Coimbra - Edição da Universidade - 1953.
- PIMPÃO, Álvaro J. da Costa - *Escritos diversos* - Coimbra - Edição da Universidade - 1972.
- REIS BRASIL - *Os Lusíadas - Comentários e estudo crítico* - Lisboa - Editoria Minerva - 1960.
- RODRIGUES, José Maria e VIEIRA, Afonso Lopes - *Lírica de Camões* - Coimbra - Imprensa da Universidade - 1932.
- SARAIVA, José Hermano - *Vida ignorada de Camões* - Lisboa - Publicações Europa-América - 1978.
- SCHNEIDER, Reinhold - São Paulo - Editora Herder - 1967.
- SENA, Jorge de - *Os sonetos de Camões e o soneto quinhentista peninsular* - Lisboa - Portugália Editora - 1969.
- SENA, Jorge de - *Uma canção de Camões* - Lisboa - Portugália Editora - 1966.
- SÉRGIO, Antônio - *Ensaio - tomo IV* - Lisboa - Seara Nova - 1934.
- SÉRGIO, Antônio - *Ensaio - tomo V* - Lisboa - Seara Nova - 1936.
- SÉRGIO, Antônio - *Ensaio - tomo VII* - Lisboa - Publicações Europa - América - 1954.

VIANA, Mário Gonçalves - *Luís de Camões* - Porto - Editora Educação Nacional - 1937.

Obras de referência:

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA BRASILEIRA

GRANDE ENCICLOPÉDIA DELTA-LAROUSSE

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA - Albino Forjaz de Sampaio

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA - Fidelino de Figueiredo

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA - Antônio José Saraiva e Oscar Lopes

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA - Mendes dos Remédios

A LITERATURA PORTUGUESA - Aubrey Bell

A LITERATURA PORTUGUESA - Massaud Moisés

CURSO DE LITERATURA PORTUGUESA - de José Maria de Andrade Ferreira e Camilo Castelo Branco

LITERATURA PORTUGUESA - João Mendes

COLÓQUIO-LETRAS - nº 47 - Janeiro de 1979 - Artigo *Um Camões bem diferente* - Vitor Manuel de Aguiar e Silva.